

SUMÁRIO

Apresentação

Novas leituras, novas identidades: visões brasileiras de Shakespeare 7

Marcia A. P. Martins

Autores 13

Seriam Tamora, Créssida e Cleópatra “Riot Grrrls”? 17

Aimara da Cunha Resende

A identidade feminina em Otelo 32

William Soares dos Santos

A (des)construção discursiva da megera shakespeariana:

os casos de Katherine e Beatrice 54

Rita de Cássia Marinho Paiva

Tradução e (identidade) política: as adaptações de

Monteiro Lobato e o Julio César de Carlos Lacerda 81

John Milton e Eliane Euzebio

A análise lingüística de diálogos de Shakespeare

(em tradução brasileira) via implicaturas conversacionais 101

Beatriz Viégas-Faria

Traduzindo o trocadilho: o humor de O mercador de Veneza em português 127

Marcia A. P. Martins

A tradução das figuras de linguagem: o desafio de Otelo 149
Cristina Maria Rymer Woolf de Oliveira

*Uma reflexão sobre o tratamento da linguagem
obscena em traduções brasileiras de Hamlet* 173
Neuza Lopes Ribeiro Vollet

A lâmina da palavra: a linguagem do horror em Macbeth 183
Vivien Kogut Lessa de Sá

*As primeiras estrelas shakespearianas nos céus
do Brasil: João Caetano e o teatro nacional* 200
José Roberto O’Shea

Resumos/Abstracts

APRESENTAÇÃO

NOVAS LEITURAS, NOVAS IDENTIDADES: VISÕES BRASILEIRAS DE SHAKESPEARE

Marcia A. P. Martins

A partir de meados da década de 90, uma das questões que mais vem despertando interesse nos meios acadêmicos é a da identidade, estudada a partir de diferentes molduras teóricas e disciplinas, especialmente nas ciências humanas e sociais. Stuart Hall, um dos principais pensadores dos estudos culturais, vê a identidade como múltipla, definida historicamente e sujeita a constantes transformações, dependendo de como é representada nos sistemas culturais em que se encontram. Isso se aplica tanto a indivíduos quanto a imagens de autores e de obras, que podem assumir identidades diferentes em momentos distintos, identidades multifacetadas, não unificadas em torno de uma única visão.

O tema *Visões e identidades brasileiras de Shakespeare* surgiu a partir da percepção de que tanto a tradução, nos seus aspectos de atividade prática e teórica, quanto as análises críticas, informadas por paradigmas diversos, contribuem para criar novas identidades do texto shakespeariano e para reforçar outras.

A visão da tradução como reescritura – produção ativa de um texto que se assemelha ao “original” mas mesmo assim o transforma – sugere que, nessa transformação, novas identidades serão forjadas, a partir da mediação do leitor/tradutor e do ambiente cultural e ideológico de recepção.

Enquanto isso, nos últimos 20 anos, a lingüística vem desenvolvendo reflexões norteadas pelo princípio básico de que todo uso da língua codifica padrões ideológicos ou estruturas discursivas que atuam na mediação de representações do mundo através da linguagem. Os estudiosos inseridos nesse ramo da lingüística, conhecido como lingüística crítica, vêem a linguagem e a sociedade como inevitavelmente imbricadas e consideram todo tipo de discurso ou comentário sobre o mundo como uma visão mediada do mesmo.

Conseqüentemente, toda análise de base lingüística construiria uma identidade legítima – embora não a única – para seu objeto.

Paralelamente aos avanços da lingüística e de outras disciplinas tradicionais, os anos 1970 viram nascer um novo paradigma, o dos estudos culturais, o qual reflete a visão atual de um mundo múltiplo e aberto às mais variadas influências culturais, não mais preso às concepções tradicionais de cultura no sentido de “civilização” como resultado de um processo evolutivo. Tendo como preocupação examinar o modo como os valores, ideologias e instituições resultam em práticas diferentes em momentos históricos distintos, os estudos culturais configuraram-se como disciplina a partir da tradição de estudar a cultura sob uma perspectiva não elitista, enfatizando o pluralismo e a diferença e adotando uma pauta política explícita. Essa proposta contra-hegemônica propicia, naturalmente, novas leituras de supostas “realidades”, igualmente construindo identidades diferentes das tradicionalmente percebidas: novas identidades femininas, étnicas, sexuais, pós-coloniais.

No âmbito dos estudos da literatura, as teorias de leitura pragmáticas surgidas nas décadas de 1970 e 1980, como a estética da recepção e a *reader-response theory*, bem como o pensamento pós-estruturalista, antidicotômico por natureza e desconstrutor do *logos*, ocuparam o espaço central – até então exclusivo das teorias formalistas – e possibilitaram novas visões e interpretações (e, por conseguinte, identidades) do texto literário.

Por fim, como área de confluência de discursos tradutórios, ideológicos, literários, lingüísticos, culturais e nacionais está a palavra shakespeariana, propícia a constantes e instigantes releituras e reescrituras, hermética e transparente ao mesmo tempo, permanentemente desafiadora, encerrando promessas de novos sentidos e *insights*.

É isso que os ensaios deste volume têm em comum: a paixão por um autor cuja obra elude as interpretações “definitivas”, os sentidos unívocos, as chaves infalíveis para o seu entendimento. A partir de uma concepção de identidade como algo dinâmico e em processo de construção, um texto, uma obra, um personagem, um autor não *são*, mas *estão* – provisoriamente, fragmentariamente. Além disso, como observa Moita Lopes (1998), uma importante parte da constituição da identidade se dá via discurso: ao se engajarem em uma prática discursiva, os indivíduos ao mesmo tempo se constroem e são construídos.

As reflexões aqui reunidas criam, portanto, novas identidades de Shakespeare ou de seus personagens e oferecem novas perspectivas – ou prismas de leitura – de sua obra. E, na medida em que seus autores estão inseridos em um universo cultural específico, que é o Brasil dos dias de hoje, estamos considerando essas visões e identidades como “brasileiras”. Podemos agrupar essas contribuições a partir de seus respectivos enfoques.

Os estudos culturais pensados por Stuart Hall, Raymond Williams e Homi Bhabha, entre outros, informam alguns dos ensaios aqui encontrados, contribuindo para construções identitárias de personagens shakespearianos, e compõem eventuais parcerias com a lingüística aplicada. O ensaio de **Aimara da Cunha Resende** faz uma leitura de três heroínas shakespearianas, Tamora, Créssida e Cleópatra – de *Tito Andrônico*, *Troilo e Créssida* e *Antonio e Cleópatra*, respectivamente – numa análise comparativa das mesmas com as “Riot Grrrls” contemporâneas, jovens entre treze e trinta anos, ligadas à cultura pop, que se rebelam contra a pressão convencional da sociedade. Ao identificar as características comuns que tornam aquelas personagens precursoras desse movimento, considerado “a quarta onda” do feminismo, que subverte o sistema hegemônico machista, a autora vê Shakespeare como, talvez, um antecessor dos movimentos de libertação da mulher.

William Soares dos Santos elege a tragédia *Otelo* para discutir a problemática da identidade social no discurso escrito, a partir de uma concepção de leitura como ato social. O fio condutor de sua leitura é a lingüística aplicada, por ser uma área de investigação social que trata de problemas de uso da linguagem enfrentados pelos participantes de interações discursivas. Nas palavras do autor, o trabalho aponta para a possibilidade de que a ação dos personagens femininos shakespearianos reflete, até certo ponto, o mundo limitado no qual a mulher elisabetana era permitida transitar e evidencia a importância do discurso para a construção e manutenção da identidade feminina dependente da ideologia do patriarcado. Sua leitura cria, portanto, uma outra identidade para esta obra de Shakespeare, forjada a partir de um contexto acadêmico brasileiro.

Partindo, igualmente, de uma concepção sócio-interacional de leitura, e do discurso como um poderoso instrumento de operação no social, atuando inclusive, e principalmente, na formação da identidade dos seres sociais, **Rita de Cássia Marinho Paiva** trabalha com as questões de discurso e gênero na construção da identidade feminina, observando mais objetivamente a figura da megera, personagem teatral e, ao mesmo tempo, figura real da

sociedade elisabetana. Através da leitura de *A megera domada* e *Muito barulho por nada*, a autora busca observar os mecanismos que constroem, reconstroem e desconstroem as identidades e cassam a voz dos dominados, representados pelos personagens Katherine, na primeira peça, e Beatrice, na segunda. É a possibilidade de participarmos dos processos de construção – via discurso – do mundo à nossa volta, postulada pelo sócio-construcionismo, que autoriza as novas identidades que emergem da reflexão de Paiva.

Diferentes aspectos das relações entre tradução, ideologia e política são examinados no ensaio de **John Milton** e **Eliane Euzébio**, que focaliza traduções realizadas no Brasil entre 1930 e 1945, período marcado pelo governo ditatorial de Getúlio Vargas, e entre 1950 e 1954. Os autores trabalham com o pressuposto de que a tradução é uma atividade que não se dá num ambiente neutro mas, sim, em situações políticas e sociais reais, cujos participantes têm interesses específicos na produção e recepção dos textos selecionados que circularão em sistemas lingüísticos e culturais diferentes daqueles que os geraram. Na linha dos estudos culturais, que atribuem à tradução o poder de transportar atitudes ideológicas e desafiar posturas hegemônicas diante da sociedade e da cultura, e entendem o estudo de traduções e tradutores como uma forma de identificar tais atitudes, Milton e Euzébio desenvolvem seu estudo sobre as adaptações para o público infantil feitas por Monteiro Lobato e a tradução de *Júlio César* por Carlos Lacerda. Em ambos os casos, o gesto tradutório foi politicamente motivado e informado, com a diferença que Lobato demonstrava seu engajamento através das adaptações feitas no texto, enquanto Lacerda o fazia por meio da própria seleção das obras a serem traduzidas e dos possíveis paralelos a serem construídos entre essas obras e o momento histórico e político vivido pela cultura receptora.

Dialogando com o enfoque lingüístico dos ensaios de Santos e Paiva, mas a partir de uma outra vertente, que é a da pragmática, o trabalho de **Beatriz Viégas-Faria** apresenta uma interface entre pragmática lingüística e tradução literária, ao recorrer à Teoria das Implicaturas de Grice para ilustrar o cálculo inferencial de sentidos implícitos em passagens de *Romeu e Julieta*, *A tempestade* e *Muito barulho por nada*. A autora acredita no potencial dessa teoria para dar suporte, juntamente com estudos aprofundados em Lógica, a um possível modelo teórico que se proponha a sistematizar, de maneira especializada, a tradução desse tipo de significado implícito na literatura de ficção, num tipo de estudo que

vem complementar aqueles realizados sob as perspectivas dos estudos literários e culturais comparados.

A contribuição de correntes do pensamento teórico-crítico contemporâneo também se faz presente, seja através da desconstrução de Derrida, afiliada ao pós-estruturalismo, a tendência pós-moderna “mais direta e explicitamente relacionada aos estudos da linguagem” (Arrojo, 1996), seja buscando em críticos como Cleanth Brooks e Stanley Cavell o instrumental teórico para construções identitárias e novas leituras na obra do Bardo. **Neuza Lopes Ribeiro Vollet**, a partir do estudo de duas abordagens diferentes à questão da linguagem da sexualidade em *Hamlet*, em traduções brasileiras, argumenta que as diferenças de tratamento observadas decorrem de concepções diferentes sobre o autor, ou seja, dependem das identidades que lhe são atribuídas. Adotando a visão foucaultiana de que o nome do autor funciona como regulador dos significados atribuídos à sua obra, procura mostrar que os significados do autor, suas condições de produção da obra e seus objetivos dramáticos não podem ser recuperados, mas, sim, interpretados de uma determinada perspectiva histórica, cultural e ideológica.

O ensaio de **Vivien Kogut Lessa de Sá** se detém sobre o potencial da linguagem shakespeariana como elemento essencial para a construção do *páthos* na própria encenação da peça. A escolha da peça *Macbeth* foi estratégica, na medida em seu texto, apesar de altamente conciso, apresenta uma densidade de violência responsável por criar a atmosfera de horror que permeia a história. Como aponta a autora, os personagens nomeiam a violência tanto quanto a perpetram; pela linguagem eles partilham dessa violência, seja nas palavras encantatórias das bruxas, seja na cumplicidade do casal de protagonistas. O estudo se dedica a analisar várias maneiras como essa violência se manifesta pela linguagem na peça, propondo categorias para essa linguagem e descrevendo os possíveis efeitos sobre o leitor/espectador.

O desafio que a riqueza da dicção shakespeariana e dos seus tão celebrados recursos retóricos constitui para o tradutor são o tema dos artigos de **Cristina Maria Rymer Woolf de Oliveira** e **Marcia A. P. Martins**, que abordam, respectivamente, o tratamento das figuras de linguagem em *Otelo* e dos trocadilhos em *O mercador de Veneza* em traduções brasileiras. A motivação de ambas as pesquisas foi o fato de que a análise das soluções tradutórias encontradas para os trocadilhos e jogos de palavras é especialmente interessante

para os estudiosos da área, na medida em que tais recursos retóricos não só representam um desafio grande para os tradutores, como também permitem que estes se tornem mais visíveis e se inscrevam mais explicitamente no texto através de suas estratégias.

Como os estudiosos de Shakespeare não nos deixam esquecer, sua dramaturgia não foi originalmente concebida para outro fim que não o teatro, o que torna fundamentais quaisquer reflexões sobre a introdução de suas peças em outros sistemas culturais, bem como o lugar do teatro em geral, e do shakespeariano em particular, nesses sistemas receptores. **José Roberto O’Shea**, ciente de todos esses aspectos, e ainda do papel-chave de atores e empresários na recepção de um autor estrangeiro e de sua obra, volta seu olhar de pesquisa para a figura do ator-empresário João Caetano dos Santos, que esteve no centro da atividade dramática brasileira ao longo de três décadas (1835-1863), pelo menos, e foi, segundo consta, o primeiro “ator shakespeariano” brasileiro a atuar profissionalmente como Hamlet e Otelo. Com suas montagens, que usavam traduções ora feitas diretamente do inglês, ora baseadas nas clacissizantes imitações francesas de Jean-François Ducis, Caetano foi responsável pela construção das identidades atribuídas a Shakespeare no Rio de Janeiro oitocentista. Em última análise, o ensaio procura testar a hipótese de Caetano ter sido, também, o fundador do teatro nacional no sentido mais estrito do termo.

Acreditamos, portanto, que esta coletânea irá preencher um espaço de articulação entre o discurso da diferença, a visão de tradução como reescrita transformadora e construtora de novas identidades, os estudos lingüísticos e literários como propiciadores de interpretações inéditas ou não-canônicas e os estudos culturais como promotores da visibilidade dessas novas identidades e arena de resistência a posturas hegemônicas e/ou universalizantes, tendo como objeto de estudo o texto shakespeariano, cujo extremo vigor mantém-se permanentemente renovado mesmo depois de mais de quatrocentos anos de existência.

Referências

ARROJO, Rosemary (1996) “Os estudos da tradução na pós-modernidade, o reconhecimento da diferença e a perda da inocência”. *Cadernos de Tradução* n. 1. Florianópolis: UFSC, pp. 53-69.

HALL, Stuart (2000) *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A

MOITA LOPES, Luiz Paulo da (1998) “Discurso e identidade em sala de leitura de L1: a construção da diferença”. In Inês Signorini (org.). *Lingua(gem) e identidade*. São Paulo: Mercado de Letras, pp. 303-330.

RESUMOS/ABSTRACTS

Seriam Tamora, Créssida e Cleópatra “Riot Grrrls”?

Aimara da Cunha Resende

As “Riot Grrrls”, ou “Garotas Malvadas”, formam um grupo de feministas que se rotulam de *femenistas*, visto não abdicarem de sua sexualidade, para se igualar aos homens, mas sim usarem-na a fim de atestar sua superioridade. Faz-se, aqui, uma leitura de três heroínas shakespearianas, Tamora, Cressida e Cleópatra, numa análise comparada das mesmas com as “Riot Grrrls”, identificando-se as características comuns que fazem daquelas precursoras desse *femenismo* que subverte o sistema hegemônico machista, colocando seu criador, talvez, como um antecessor dos movimentos de libertação da mulher.

Were Tamora, Cressida and Cleopatra “Riot Grrrls”?

The “Riot Grrrls”, or “Bad Girls” are members of a group of feminists who label themselves *femalists*, as they do not give up their sexuality in order to equal men, but who use it, instead, to claim their superiority. This article is a reading of three Shakespearean heroines, Tamora, Cressida and Cleopatra, where a comparative analysis of these heroines and the “Riot Grrrls” identifies common characteristics that make the former appear as precursors of this *femalism* that subverts the hegemonic *macho men* system, showing their creator as a probable predecessor of the liberating women’s movements.

A identidade feminina em Otelo

William Soares dos Santos

Concebendo a leitura como um ato social este trabalho tem como objetivo discutir a problemática da identidade social no discurso escrito enfocando, para isso, a peça *Otelo* de William Shakespeare. O paradigma de pesquisa que conduz esta investigação é o de cunho interpretativista de caráter hermenêutico, que leva em conta que toda leitura se desenvolve em contextos e práticas específicas, com objetivos determinados (Cf. Sarbin & Kitsuse, 1994:02). O trabalho aponta para a possibilidade de que a ação dos personagens femininos shakespearianos reflete, até certo ponto, o mundo limitado no qual a mulher elisabetana era permitida transitar e evidencia a importância do discurso para a construção e manutenção da identidade feminina dependente da ideologia do patriarcado.

Feminine Identity in Othello

Conceiving reading as a social act this paper has the objective of discussing the problem of feminine identity in written discourse, focusing for this purpose on the play *Othello* by William Shakespeare. The research paradigm which orients this investigation is interpretive hermeneutics which considers that reading as a whole happens in specific contexts and practices aiming at established objectives (Cf. Sarbin & Kitsuse, 1994:02). This work points to the possibility that the action of Shakespearean feminine characters reflects – to a certain extent- the limited world in which the Elizabethan woman was allowed to move herself and demonstrates the importance of discourse for the construction and maintenance of the feminine identity dependent on patriarchal ideology.

A (des)construção discursiva da megera shakespeariana: os casos de Katherine e Beatrice

Rita de Cássia Marinho Paiva

Segundo o modelo sócio-interacional, a leitura é um processo comunicativo em que autor-leitor estão envolvidos na negociação e construção dos significados do texto, o que remete à questão do discurso. Este é apontado pelo sócio-construcionismo – ao lado de contexto, gênero e ideologia – como um poderoso instrumento de operação no social, atuando inclusive, e principalmente, na formação da identidade dos seres sociais. Atenta a isso, através da leitura de *A megera domada* e *Muito barulho por nada*, busquei observar os mecanismos que (des)constroem as identidades e cassam a voz dos dominados – aqui representados pela megera, personagem teatral e, ao mesmo tempo, figura real da sociedade elisabetana.

The Discursive (De)Construction of the Shakespearean Shrew: Katherine and Beatrice as Cases in Point

According to the socio-interactional approach, reading is a communicative process in which writer and reader are involved in the negotiation and the construction of text meanings. This refers us to the issue of discourse, which is considered by socioconstructivism – together with context, gender and ideology – as a powerful operating tool in the social sphere, contributing inclusively – and mostly – to the formation the identity of social beings. With this in mind, I have attempted to observe, in both *The Taming of the Shrew* and *Much Ado About Nothing*, the mechanisms that (de)construct the identities and silence the oppressed – here represented by the shrew, a staple drama character and, at the same time, a real figure in Elizabethan society.

Tradução e (identidade) política: as adaptações de Monteiro Lobato e o Julio César de Carlos Lacerda

John Milton and Eliane Euzebio

Este ensaio examinará diferentes aspectos das relações entre tradução e política, focalizando traduções que foram realizadas no Brasil entre 1930 e 1945, período marcado pelo governo ditatorial de Getúlio Vargas, e entre 1950 e 1954. Inicialmente, será analisada a associação entre tradução e política fiscal. Em um segundo momento, serão estudadas as traduções – ou melhor, adaptações – de *Peter Pan* e *Dom Quixote* feitas pelo escritor e editor brasileiro Monteiro Lobato. A última parte do trabalho descreverá o contexto em que o político Carlos Lacerda, governador do então Estado da Guanabara de 1960 a 1965, realizou a tradução da peça *Julio César*.

Translation and Politics: The Adaptations of Monteiro Lobato and Carlos Lacerda's Julius Caesar

This article will look at different aspects of the connection between translation and politics, concentrating on translations which were carried out during and immediately after the dictatorship of Getúlio Vargas in Brazil from 1930 to 1945, and then from 1950 to 1954. Initially, the connection between government fiscal policy and translation will be analyzed. Then the translations, or rather, adaptations, of *Peter Pan* and *Don Quixote*, by the Brazilian writer and publisher, Monteiro Lobato, will be studied. The final section of the paper will describe the situation surrounding the translation of Shakespeare's *Julius Caesar* by the Brazilian politician, Carlos Lacerda, governor of the state of Guanabara (greater Rio de Janeiro) (1960-1965).

A análise lingüística de diálogos de Shakespeare (em tradução brasileira) via implicaturas conversacionais

Beatriz Viégas-Faria

O trabalho apresenta uma interface entre pragmática lingüística e tradução literária; apresenta a Teoria das Implicaturas de Grice; ilustra o cálculo inferencial de sentidos implícitos do tipo implicatura particularizada com passagens de *Romeu e Julieta*, *A tempestade* e *Muito barulho por nada*; para cada diálogo examinado, constrói o contexto conversacional; verifica em tradução para o português brasileiro os mesmos cálculos do texto na língua-fonte; conclui-se que uma tradução adequada de diálogos ficcionais com implicaturas deve apresentar o mesmo cálculo inferencial que há no texto de origem, por argumento dedutivo dentro de uma lógica não-trivial.

Linguistic Analysis of Shakespearean Dialogues via Conversational Implicatures in Brazilian Portuguese Translations

This study presents an interface between linguistic pragmatics and literary translation; it presents Grice's Theory of Implicatures; it illustrates the inferential calculation of implicit

meanings (particularized implicatures) with passages from *Romeo and Juliet*, *The Tempest* and *Much Ado About Nothing*; the conversational context is constructed for each dialogue analyzed; it verifies in translation into Brazilian Portuguese the same calculations present in the English text; conclusion is that an adequate translation of fictional dialogues with implicatures must present the same inferential calculation of the source-text, by deductive argument, according to a non-trivial logic.

Traduzindo o trocadilho: o humor de O mercador de Veneza em português

Marcia A. P. Martins

Este estudo tem por objetivo analisar o tratamento dado aos trocadilhos shakespearianos identificados na peça *O mercador de Veneza* por três tradutores brasileiros: Barbara Heliodora (Nova Fronteira, 1990), Carlos Alberto Nunes (Melhoramentos, 1956) e F. Cunha Medeiros (José Aguilar, 1969). A análise foi desenvolvida em três etapas: (i) identificação dos trocadilhos no texto-fonte; (ii) localização, nos textos-alvo, das traduções de cada ocorrência de trocadilho previamente identificada; (iii) análise das estratégias tradutórias empregadas e dos efeitos gerais que estas provocaram nos diferentes produtos finais. A motivação da pesquisa foi o fato de que a análise das soluções tradutórias encontradas para os trocadilhos e jogos de palavras é especialmente interessante para os estudiosos da área, na medida em que tais recursos retóricos não só representam um desafio grande para os tradutores, como também permitem que estes se tornem mais visíveis e se inscrevam mais explicitamente no texto através de suas estratégias.

Translating Puns: Humor in Brazilian Portuguese Translations of The Merchant of Venice

The purpose of this study is to analyze the treatment of Shakespearean puns in *The Merchant of Venice* by three Brazilian translators: Barbara Heliodora (Nova Fronteira, 1990), Carlos Alberto Nunes (Melhoramentos, 1956) e F. Cunha Medeiros (José Aguilar, 1969). The analysis involved three steps: (i) to identify puns in the source text; (ii) to find their respective counterparts in the translations; (iii) to examine the translation strategies used and their impact on the final products. The research was suggested by the fact that to analyze translation strategies for puns and wordplay is particularly interesting and revealing, since such rhetorical devices not only pose a great challenge to translators but also give them more visibility and the opportunity to inscribe themselves in the text more explicitly.

A tradução das figuras de linguagem: o desafio de Otelo

Cristina Rymer Woolf de Oliveira

Este trabalho tem por objetivo analisar o tratamento das figuras de linguagem encontradas na tragédia *Otelo*, de William Shakespeare, e em duas traduções para o português publicadas no Brasil na segunda metade do século 20. A pesquisa e análise do *corpus* foram orientadas por uma abordagem descritivista da tradução cujo foco reside na inserção do texto traduzido no contexto sócio-histórico e cultural da língua-meta. Após a identificação, análise e classificação das figuras de linguagem e dos jogos de palavras encontrados no texto-fonte e em cada uma das traduções, foi feito um estudo comparativo das soluções tradutórias.

Translating Figures of Speech: Othello as a Challenge

The purpose of this study is to analyze the figures of speech and wordplay found in William Shakespeare's tragedy *Othello* and in its two Brazilian Portuguese versions published in the second half of the 20th century. Both the research and the *corpus* analysis were informed by a descriptive approach, which focuses on the insertion of the translated text into the social, historical and cultural context of the target language. After identifying, analyzing and categorizing the figures of speech and wordplay found both in the source text and in each translated version, the proposed translations for each occurrence were compared.

Uma reflexão sobre o tratamento da linguagem obscena em traduções brasileiras de Hamlet

Neuza Lopes Ribeiro Vollet

A partir do estudo de duas abordagens diferentes à questão da linguagem da sexualidade em *Hamlet*, de William Shakespeare, em traduções brasileiras, pretendo argumentar que as diferenças de tratamento a essa questão dependem da adoção pelos tradutores de concepções diferentes sobre o autor. Adoto a concepção foucaultiana segundo a qual o nome do autor funciona como regulador dos significados atribuídos à sua obra e procuro mostrar que os significados do autor, suas condições de produção da obra e seus objetivos dramáticos não foram recuperados, mas interpretados de uma determinada perspectiva histórica, cultural e ideológica.

On the Treatment of Bawdy Language in Translations of Hamlet into Brazilian Portuguese

Having as a starting point two distinct approaches related to sexual language in *Hamlet* in Brazilian translations, I intend to argue that the differences in handling such issues depend on the translator's adopting different concepts about authorship. According to Foucault's concept, the name of the author regulates the meaning attributed to his work.

Thus the author's meanings, his conditions of work writing and dramatic objectives can not be recovered. They can only be interpreted from a specific historical, cultural and ideological perspective.

A lâmina da palavra: a linguagem do horror em Macbeth

Vivien Kogut Lessa de Sá

Este trabalho se detém sobre o potencial da linguagem shakespeariana como elemento essencial para a construção do *páthos* na própria encenação da peça. Para isso, foi usada a peça *Macbeth* pois seu texto, apesar de altamente conciso, apresenta uma densidade de violência responsável por criar a atmosfera de horror que permeia a história. Os personagens nomeiam a violência tanto quanto a perpetram; pela linguagem eles partilham dessa violência, seja nas palavras encantatórias das bruxas, seja na cumplicidade do casal de protagonistas. Analisamos, portanto, várias maneiras como essa violência se manifesta pela linguagem na peça, tais como o que chamamos de “linguagem de contágio”, “linguagem compartilhada” e “linguagem de iminência”.

On the Treatment of Bawdy Language in Translations of Hamlet into Brazilian Portuguese

This paper focuses on the power of the Shakespearean language as an essential element in creating the *páthos* for the performance itself. *Macbeth* was used as an example since the density of violence of its highly concise text creates the all-pervading atmosphere of horror. The characters name violence as much as they commit violent deeds; they share this violence through language, be it in the witches' spells or in the complicity shared by Macbeth and Lady Macbeth. We analyze, therefore, the various ways in which such violence is manifested through language in the play, such as what we chose to call “language of contamination”, “shared language” and “language of imminence”.

As primeiras estrelas shakespearianas nos céus do Brasil: João Caetano e o teatro nacional

José Roberto O'Shea

Iniciando com uma breve discussão sobre o estrelato na Itália e seus reflexos na Inglaterra, o presente ensaio identifica encenações da dramaturgia shakespeariana, com efeito, frequentemente, a partir de Jean-François Ducis no Rio de Janeiro oitocentista, com destaque para o célebre ator-empresário João Caetano dos Santos, figura que esteve no centro da atividade dramática brasileira, pelo menos, ao longo de três décadas (1835-1863), e, segundo consta, o primeiro “ator shakespeariano” brasileiro a atuar como Hamlet e Otelo, profissionalmente. Em última análise, o ensaio procura testar a hipótese de Caetano ter sido, também, o preceptor de um teatro verdadeiramente nacional.

Early Shakespearean Stars in Brazilian Skies: João Caetano and the National Theater

Starting with a brief discussion about stardom in Italy and its reflections on England, this article reviews performances of Shakespearean drama, which were often based on French translations by Jean-François Ducis, in nineteenth-century Rio de Janeiro. It places special focus on the famous actor-manager João Caetano dos Santos, a spearhead in the Brazilian theatre for at least three decades (1835-1863) and the first known Brazilian “Shakespearean actor” to play Hamlet and Othello professionally. Ultimately, this article attempts to test the hypothesis that Caetano was also the founder of a truly national theatre.

SUMÁRIO

Apresentação

Novas leituras, novas identidades: visões brasileiras de Shakespeare 7

Marcia A. P. Martins

Autores 13

Seriam Tamora, Créssida e Cleópatra “Riot Grrrls”? 17

Aimara da Cunha Resende

A identidade feminina em Otelo 32

William Soares dos Santos

A (des)construção discursiva da megera shakespeariana:

os casos de Katherine e Beatrice 54

Rita de Cássia Marinho Paiva

Tradução e (identidade) política: as adaptações de

Monteiro Lobato e o Julio César de Carlos Lacerda 81

John Milton e Eliane Euzebio

A análise lingüística de diálogos de Shakespeare

(em tradução brasileira) via implicaturas conversacionais 101

Beatriz Viégas-Faria

Traduzindo o trocadilho: o humor de O mercador de Veneza em português 127

Marcia A. P. Martins

A tradução das figuras de linguagem: o desafio de Otelo 149
Cristina Maria Rymer Woolf de Oliveira

*Uma reflexão sobre o tratamento da linguagem
obscena em traduções brasileiras de Hamlet* 173
Neuza Lopes Ribeiro Vollet

A lâmina da palavra: a linguagem do horror em Macbeth 183
Vivien Kogut Lessa de Sá

*As primeiras estrelas shakespearianas nos céus
do Brasil: João Caetano e o teatro nacional* 200
José Roberto O'Shea

Resumos/Abstracts

APRESENTAÇÃO

NOVAS LEITURAS, NOVAS IDENTIDADES: VISÕES BRASILEIRAS DE SHAKESPEARE

Marcia A. P. Martins

A partir de meados da década de 90, uma das questões que mais vêm despertando interesse nos meios acadêmicos é a da identidade, estudada a partir de diferentes molduras teóricas e disciplinas, especialmente nas ciências humanas e sociais. Stuart Hall, um dos principais pensadores dos estudos culturais, vê a identidade como múltipla, definida historicamente e sujeita a constantes transformações, dependendo de como é representada nos sistemas culturais em que se encontram. Isso se aplica tanto a indivíduos quanto a imagens de autores e de obras, que podem assumir identidades diferentes em momentos distintos, identidades multifacetadas, não unificadas em torno de uma única visão.

O tema *Visões e identidades brasileiras de Shakespeare* surgiu a partir da percepção de que tanto a tradução, nos seus aspectos de atividade prática e teórica, quanto as análises críticas, informadas por paradigmas diversos, contribuem para criar novas identidades do texto shakespeariano e para reforçar outras.

A visão da tradução como reescritura – produção ativa de um texto que se assemelha ao “original” mas mesmo assim o transforma – sugere que, nessa transformação, novas identidades serão forjadas, a partir da mediação do leitor/tradutor e do ambiente cultural e ideológico de recepção.

Enquanto isso, nos últimos 20 anos, a lingüística vem desenvolvendo reflexões norteadas pelo princípio básico de que todo uso da língua codifica padrões ideológicos ou estruturas discursivas que atuam na mediação de representações do mundo através da linguagem. Os estudiosos inseridos nesse ramo da lingüística, conhecido como lingüística crítica, vêem a linguagem e a sociedade como inevitavelmente imbricadas e consideram todo tipo de discurso ou comentário sobre o mundo como uma visão mediada do mesmo.

Conseqüentemente, toda análise de base lingüística construiria uma identidade legítima – embora não a única – para seu objeto.

Paralelamente aos avanços da lingüística e de outras disciplinas tradicionais, os anos 1970 viram nascer um novo paradigma, o dos estudos culturais, o qual reflete a visão atual de um mundo múltiplo e aberto às mais variadas influências culturais, não mais preso às concepções tradicionais de cultura no sentido de “civilização” como resultado de um processo evolutivo. Tendo como preocupação examinar o modo como os valores, ideologias e instituições resultam em práticas diferentes em momentos históricos distintos, os estudos culturais configuraram-se como disciplina a partir da tradição de estudar a cultura sob uma perspectiva não elitista, enfatizando o pluralismo e a diferença e adotando uma pauta política explícita. Essa proposta contra-hegemônica propicia, naturalmente, novas leituras de supostas “realidades”, igualmente construindo identidades diferentes das tradicionalmente percebidas: novas identidades femininas, étnicas, sexuais, pós-coloniais.

No âmbito dos estudos da literatura, as teorias de leitura pragmáticas surgidas nas décadas de 1970 e 1980, como a estética da recepção e a *reader-response theory*, bem como o pensamento pós-estruturalista, antidicotômico por natureza e desconstrutor do *logos*, ocuparam o espaço central – até então exclusivo das teorias formalistas – e possibilitaram novas visões e interpretações (e, por conseguinte, identidades) do texto literário.

Por fim, como área de confluência de discursos tradutórios, ideológicos, literários, lingüísticos, culturais e nacionais está a palavra shakespeariana, propícia a constantes e instigantes releituras e reescrituras, hermética e transparente ao mesmo tempo, permanentemente desafiadora, encerrando promessas de novos sentidos e *insights*.

É isso que os ensaios deste volume têm em comum: a paixão por um autor cuja obra elude as interpretações “definitivas”, os sentidos unívocos, as chaves infalíveis para o seu entendimento. A partir de uma concepção de identidade como algo dinâmico e em processo de construção, um texto, uma obra, um personagem, um autor não *são*, mas *estão* – provisoriamente, fragmentariamente. Além disso, como observa Moita Lopes (1998), uma importante parte da constituição da identidade se dá via discurso: ao se engajarem em uma prática discursiva, os indivíduos ao mesmo tempo se constroem e são construídos.

As reflexões aqui reunidas criam, portanto, novas identidades de Shakespeare ou de seus personagens e oferecem novas perspectivas de sua obra. E, na medida em que seus autores estão inseridos em um universo cultural específico, que é o Brasil dos dias de hoje, estamos considerando essas visões e identidades como “brasileiras”. Podemos agrupar essas contribuições a partir de seus respectivos enfoques.

Os estudos culturais pensados por Stuart Hall, Raymond Williams e Homi Bhabha, entre outros, informam alguns dos ensaios aqui encontrados, contribuindo para construções identitárias de personagens shakespearianos, e compõem eventuais parcerias com a lingüística aplicada. O ensaio de **Aimara da Cunha Resende** faz uma leitura de três heroínas shakespearianas, Tamora, Créssida e Cleópatra – de *Tito Andrônico*, *Troilo e Créssida* e *Antonio e Cleópatra*, respectivamente – numa análise comparativa entre as mesmas e as “Riot Grrrls” contemporâneas, jovens entre treze e trinta anos, ligadas à cultura pop, que se rebelam contra a pressão convencional da sociedade. Ao identificar as características comuns que tornam aquelas personagens precursoras desse movimento, considerado “a quarta onda” do feminismo, que subverte o sistema hegemônico machista, a autora vê Shakespeare como, talvez, um antecessor dos movimentos de libertação da mulher.

William Soares dos Santos elege a tragédia *Otelo* para discutir a problemática da identidade social no discurso escrito, a partir de uma concepção de leitura como ato social. O fio condutor de sua leitura é a lingüística aplicada, por ser uma área de investigação social que trata de problemas de uso da linguagem enfrentados pelos participantes de interações discursivas. Nas palavras do autor, o trabalho aponta para a possibilidade de que a ação dos personagens femininos shakespearianos reflita, até certo ponto, o mundo limitado no qual a mulher elisabetana tinha permissão para transitar e evidencia a importância do discurso para a construção e manutenção da identidade feminina dependente da ideologia do patriarcado. Sua leitura cria, portanto, uma outra identidade para esta obra de Shakespeare, forjada a partir de um contexto acadêmico brasileiro.

Partindo, igualmente, de uma concepção sócio-interacional de leitura, e do discurso como um poderoso instrumento de operação no social, atuando inclusive, e principalmente, na formação da identidade dos seres sociais, **Rita de Cássia Marinho Paiva** trabalha com as questões de discurso e gênero na construção da identidade feminina, observando mais

objetivamente a figura da megera, personagem teatral e, ao mesmo tempo, figura real da sociedade elisabetana. Através da leitura de *A megera domada* e *Muito barulho por nada*, a autora busca observar os mecanismos que constroem, reconstroem e desconstroem as identidades e cassam a voz dos dominados, representados pelos personagens Katherine, na primeira peça, e Beatrice, na segunda. É a possibilidade de participarmos dos processos de construção – via discurso – do mundo à nossa volta, postulada pelo sócio-construcionismo, que autoriza as novas identidades que emergem da reflexão de Paiva.

Diferentes aspectos das relações entre tradução, ideologia e política são examinados no ensaio de **John Milton** e **Eliane Euzébio**, que focaliza traduções realizadas no Brasil entre 1930 e 1945, período marcado pelo governo ditatorial de Getúlio Vargas, e entre 1950 e 1954. Os autores trabalham com o pressuposto de que a tradução é uma atividade que não se dá num ambiente neutro mas, sim, em situações políticas e sociais reais, cujos participantes têm interesses específicos na produção e recepção dos textos selecionados que circularão em sistemas lingüísticos e culturais diferentes daqueles que os geraram. Na linha dos estudos culturais, que atribuem à tradução o poder de transportar atitudes ideológicas e desafiar posturas hegemônicas diante da sociedade e da cultura, e entendem o estudo de traduções e tradutores como uma forma de identificar tais atitudes, Milton e Euzébio desenvolvem seu estudo sobre as adaptações para o público infantil feitas por Monteiro Lobato e a tradução de *Júlio César* por Carlos Lacerda. Em ambos os casos, o gesto tradutório foi politicamente motivado e informado, com a diferença que Lobato demonstrava seu engajamento através das adaptações feitas no texto, enquanto Lacerda o fazia por meio da própria seleção das obras a serem traduzidas e dos possíveis paralelos a serem construídos entre essas obras e o momento histórico e político vivido pela cultura receptora.

Dialogando com o enfoque lingüístico dos ensaios de Santos e Paiva, mas a partir de uma outra vertente, que é a da pragmática, o trabalho de **Beatriz Viégas-Faria** apresenta uma interface entre pragmática lingüística e tradução literária, ao recorrer à Teoria das Implicaturas de Grice para ilustrar o cálculo inferencial de sentidos implícitos em passagens de *Romeu e Julieta*, *A tempestade* e *Muito barulho por nada*. A autora acredita no potencial dessa teoria para dar suporte, juntamente com estudos aprofundados em Lógica, a um possível modelo teórico que se proponha a sistematizar, de maneira especializada, a

tradução desse tipo de significado implícito na literatura de ficção, num tipo de estudo que vem complementar aqueles realizados sob as perspectivas dos estudos literários e culturais comparados.

A contribuição de correntes do pensamento teórico-crítico contemporâneo também se faz presente, seja através da desconstrução de Derrida, afiliada ao pós-estruturalismo, a tendência pós-moderna “mais direta e explicitamente relacionada aos estudos da linguagem” (Arrojo, 1996), seja buscando em críticos como Cleanth Brooks e Stanley Cavell o instrumental teórico para construções identitárias e novas leituras na obra do Bardo. **Neuza Lopes Ribeiro Vollet**, a partir do estudo de duas abordagens diferentes à questão da linguagem da sexualidade em *Hamlet*, em traduções brasileiras, argumenta que as diferenças de tratamento observadas decorrem de concepções diferentes sobre o autor, ou seja, dependem das identidades que lhe são atribuídas. Adotando a visão foucaultiana de que o nome do autor funciona como regulador dos significados atribuídos à sua obra, procura mostrar que os significados do autor, suas condições de produção da obra e seus objetivos dramáticos não podem ser recuperados, mas, sim, interpretados de uma determinada perspectiva histórica, cultural e ideológica.

O ensaio de **Vivien Kogut Lessa de Sá** se detém sobre o potencial da linguagem shakespeariana como elemento essencial para a construção do *páthos* na própria encenação da peça. A escolha da peça *Macbeth* foi estratégica, na medida em seu texto, apesar de altamente conciso, apresenta uma densidade de violência responsável por criar a atmosfera de horror que permeia a história. Como aponta a autora, os personagens nomeiam a violência tanto quanto a perpetram; pela linguagem eles partilham dessa violência, seja nas palavras encantatórias das bruxas, seja na cumplicidade do casal de protagonistas. O estudo se dedica a analisar várias maneiras como essa violência se manifesta pela linguagem na peça, propondo categorias para essa linguagem e descrevendo os possíveis efeitos sobre o leitor/espectador.

O desafio que a riqueza da dicção shakespeariana e dos seus tão celebrados recursos retóricos constitui para o tradutor são o tema dos artigos de **Cristina Maria Rymer Woolf de Oliveira** e **Marcia A. P. Martins**, que abordam, respectivamente, o tratamento das figuras de linguagem em *Otelo* e dos trocadilhos em *O mercador de Veneza* em traduções brasileiras. A motivação de ambas as pesquisas foi o fato de que a análise das soluções

tradutórias encontradas para os trocadilhos e jogos de palavras é especialmente interessante para os estudiosos da área, na medida em que tais recursos retóricos não só representam um desafio grande para os tradutores, como também permitem que estes se tornem mais visíveis e se inscrevam mais explicitamente no texto através de suas estratégias.

Como os estudiosos de Shakespeare não nos deixam esquecer, sua dramaturgia não foi originalmente concebida para outro fim que não o teatro, o que torna fundamentais quaisquer reflexões sobre a introdução de suas peças em outros sistemas culturais, bem como o lugar do teatro em geral, e do shakespeariano em particular, nesses sistemas receptores. **José Roberto O’Shea**, ciente de todos esses aspectos, e ainda do papel-chave de atores e empresários na recepção de um autor estrangeiro e de sua obra, volta seu olhar de pesquisa para a figura do ator-empresário João Caetano dos Santos, que esteve no centro da atividade dramática brasileira ao longo de três décadas (1835-1863), pelo menos, e foi, segundo consta, o primeiro “ator shakespeariano” brasileiro a atuar profissionalmente como Hamlet e Otelo. Com suas montagens, que usavam traduções ora feitas diretamente do inglês, ora baseadas nas clacissizantes imitações francesas de Jean-François Ducis, Caetano foi responsável pela construção das identidades atribuídas a Shakespeare no Rio de Janeiro oitocentista. Em última análise, o ensaio procura testar a hipótese de Caetano ter sido, também, o fundador do teatro nacional no sentido mais estrito do termo.

Acreditamos, portanto, que esta coletânea irá preencher um espaço de articulação entre o discurso da diferença, a visão de tradução como reescrita transformadora e construtora de novas identidades, os estudos lingüísticos e literários como propiciadores de interpretações inéditas ou não-canônicas e os estudos culturais como promotores da visibilidade dessas novas identidades e arena de resistência a posturas hegemônicas e/ou universalizantes, tendo como objeto de estudo o texto shakespeariano, cujo extremo vigor mantém-se permanentemente renovado mesmo depois de mais de quatrocentos anos de existência.

Referências

ARROJO, Rosemary (1996) “Os estudos da tradução na pós-modernidade, o reconhecimento da diferença e a perda da inocência”. *Cadernos de Tradução* n. 1. Florianópolis: UFSC, pp. 53-69.

HALL, Stuart (2000) *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A

MOITA LOPES, Luiz Paulo da (1998) “Discurso e identidade em sala de leitura de L1: a construção da diferença”. In Inês Signorini (org.). *Lingua(gem) e identidade*. São Paulo: Mercado de Letras, pp. 303-330.

RESUMOS/ABSTRACTS

Seriam Tamora, Créssida e Cleópatra “Riot Grrrls”?

Aimara da Cunha Resende

As “Riot Grrrls”, ou “Garotas Malvadas”, formam um grupo de feministas que se rotulam de *femenistas*, visto não abdicarem de sua sexualidade, para se igualar aos homens, mas sim usarem-na a fim de atestar sua superioridade. Faz-se, aqui, uma leitura de três heroínas shakespearianas, Tamora, Cressida e Cleópatra, numa análise comparada das mesmas com as “Riot Grrrls”, identificando-se as características comuns que fazem daquelas precursoras desse *femenismo* que subverte o sistema hegemônico machista, colocando seu criador, talvez, como um antecessor dos movimentos de libertação da mulher.

Were Tamora, Cressida and Cleopatra “Riot Grrrls”?

The “Riot Grrrls”, or “Bad Girls” are members of a group of feminists who label themselves *femalists*, as they do not give up their sexuality in order to equal men, but who use it, instead, to claim their superiority. This article is a reading of three Shakespearean heroines, Tamora, Cressida and Cleopatra, where a comparative analysis of these heroines and the “Riot Grrrls” identifies common characteristics that make the former appear as precursors of this *femalism* that subverts the hegemonic *macho men* system, showing their creator as a probable predecessor of the liberating women’s movements.

A identidade feminina em Otelo

William Soares dos Santos

Concebendo a leitura como um ato social este trabalho tem como objetivo discutir a problemática da identidade social no discurso escrito enfocando, para isso, a peça *Otelo* de William Shakespeare. O paradigma de pesquisa que conduz esta investigação é o de cunho interpretativista de caráter hermenêutico, que leva em conta que toda leitura se desenvolve em contextos e práticas específicas, com objetivos determinados (Cf. Sarbin & Kitsuse, 1994:02). O trabalho aponta para a possibilidade de que a ação dos personagens femininos shakespearianos reflete, até certo ponto, o mundo limitado no qual a mulher elisabetana era permitida transitar e evidencia a importância do discurso para a construção e manutenção da identidade feminina dependente da ideologia do patriarcado.

Feminine Identity in Othello

Conceiving reading as a social act this paper has the objective of discussing the problem of feminine identity in written discourse, focusing for this purpose on the play *Othello* by William Shakespeare. The research paradigm which orients this investigation is interpretive hermeneutics which considers that reading as a whole happens in specific contexts and practices aiming at established objectives (Cf. Sarbin & Kitsuse, 1994:02). This work points to the possibility that the action of Shakespearean feminine characters reflects – to a certain extent- the limited world in which the Elizabethan woman was allowed to move herself and demonstrates the importance of discourse for the construction and maintenance of the feminine identity dependent on patriarchal ideology.

A (des)construção discursiva da megera shakespeariana: os casos de Katherine e Beatrice

Rita de Cássia Marinho Paiva

Segundo o modelo sócio-interacional, a leitura é um processo comunicativo em que autor-leitor estão envolvidos na negociação e construção dos significados do texto, o que remete à questão do discurso. Este é apontado pelo sócio-construcionismo – ao lado de contexto, gênero e ideologia – como um poderoso instrumento de operação no social, atuando inclusive, e principalmente, na formação da identidade dos seres sociais. Atenta a isso, através da leitura de *A megera domada* e *Muito barulho por nada*, busquei observar os mecanismos que (des)constroem as identidades e cassam a voz dos dominados – aqui representados pela megera, personagem teatral e, ao mesmo tempo, figura real da sociedade elisabetana.

The Discursive (De)Construction of the Shakespearean Shrew: Katherine and Beatrice as Cases in Point

According to the socio-interactional approach, reading is a communicative process in which writer and reader are involved in the negotiation and the construction of text meanings. This refers us to the issue of discourse, which is considered by socioconstructivism – together with context, gender and ideology – as a powerful operating tool in the social sphere, contributing inclusively – and mostly – to the formation the identity of social beings. With this in mind, I have attempted to observe, in both *The Taming of the Shrew* and *Much Ado About Nothing*, the mechanisms that (de)construct the identities and silence the oppressed – here represented by the shrew, a staple drama character and, at the same time, a real figure in Elizabethan society.

Tradução e (identidade) política: as adaptações de Monteiro Lobato e o Julio César de Carlos Lacerda

John Milton and Eliane Euzebio

Este ensaio examinará diferentes aspectos das relações entre tradução e política, focalizando traduções que foram realizadas no Brasil entre 1930 e 1945, período marcado pelo governo ditatorial de Getúlio Vargas, e entre 1950 e 1954. Inicialmente, será analisada a associação entre tradução e política fiscal. Em um segundo momento, serão estudadas as traduções – ou melhor, adaptações – de *Peter Pan* e *Dom Quixote* feitas pelo escritor e editor brasileiro Monteiro Lobato. A última parte do trabalho descreverá o contexto em que o político Carlos Lacerda, governador do então Estado da Guanabara de 1960 a 1965, realizou a tradução da peça *Julio César*.

Translation and Politics: The Adaptations of Monteiro Lobato and Carlos Lacerda's Julius Caesar

This article will look at different aspects of the connection between translation and politics, concentrating on translations which were carried out during and immediately after the dictatorship of Getúlio Vargas in Brazil from 1930 to 1945, and then from 1950 to 1954. Initially, the connection between government fiscal policy and translation will be analyzed. Then the translations, or rather, adaptations, of *Peter Pan* and *Don Quixote*, by the Brazilian writer and publisher, Monteiro Lobato, will be studied. The final section of the paper will describe the situation surrounding the translation of Shakespeare's *Julius Caesar* by the Brazilian politician, Carlos Lacerda, governor of the state of Guanabara (greater Rio de Janeiro) (1960-1965).

A análise lingüística de diálogos de Shakespeare (em tradução brasileira) via implicaturas conversacionais

Beatriz Viégas-Faria

O trabalho apresenta uma interface entre pragmática lingüística e tradução literária; apresenta a Teoria das Implicaturas de Grice; ilustra o cálculo inferencial de sentidos implícitos do tipo implicatura particularizada com passagens de *Romeu e Julieta*, *A tempestade* e *Muito barulho por nada*; para cada diálogo examinado, constrói o contexto conversacional; verifica em tradução para o português brasileiro os mesmos cálculos do texto na língua-fonte; conclui-se que uma tradução adequada de diálogos ficcionais com implicaturas deve apresentar o mesmo cálculo inferencial que há no texto de origem, por argumento dedutivo dentro de uma lógica não-trivial.

Linguistic Analysis of Shakespearean Dialogues via Conversational Implicatures in Brazilian Portuguese Translations

This study presents an interface between linguistic pragmatics and literary translation; it presents Grice's Theory of Implicatures; it illustrates the inferential calculation of implicit

meanings (particularized implicatures) with passages from *Romeo and Juliet*, *The Tempest* and *Much Ado About Nothing*; the conversational context is constructed for each dialogue analyzed; it verifies in translation into Brazilian Portuguese the same calculations present in the English text; conclusion is that an adequate translation of fictional dialogues with implicatures must present the same inferential calculation of the source-text, by deductive argument, according to a non-trivial logic.

Traduzindo o trocadilho: o humor de O mercador de Veneza em português

Marcia A. P. Martins

Este estudo tem por objetivo analisar o tratamento dado aos trocadilhos shakespearianos identificados na peça *O mercador de Veneza* por três tradutores brasileiros: Barbara Heliodora (Nova Fronteira, 1990), Carlos Alberto Nunes (Melhoramentos, 1956) e F. Cunha Medeiros (José Aguilar, 1969). A análise foi desenvolvida em três etapas: (i) identificação dos trocadilhos no texto-fonte; (ii) localização, nos textos-alvo, das traduções de cada ocorrência de trocadilho previamente identificada; (iii) análise das estratégias tradutórias empregadas e dos efeitos gerais que estas provocaram nos diferentes produtos finais. A motivação da pesquisa foi o fato de que a análise das soluções tradutórias encontradas para os trocadilhos e jogos de palavras é especialmente interessante para os estudiosos da área, na medida em que tais recursos retóricos não só representam um desafio grande para os tradutores, como também permitem que estes se tornem mais visíveis e se inscrevam mais explicitamente no texto através de suas estratégias.

Translating Puns: Humor in Brazilian Portuguese Translations of The Merchant of Venice

The purpose of this study is to analyze the treatment of Shakespearean puns in *The Merchant of Venice* by three Brazilian translators: Barbara Heliodora (Nova Fronteira, 1990), Carlos Alberto Nunes (Melhoramentos, 1956) e F. Cunha Medeiros (José Aguilar, 1969). The analysis involved three steps: (i) to identify puns in the source text; (ii) to find their respective counterparts in the translations; (iii) to examine the translation strategies used and their impact on the final products. The research was suggested by the fact that to analyze translation strategies for puns and wordplay is particularly interesting and revealing, since such rhetorical devices not only pose a great challenge to translators but also give them more visibility and the opportunity to inscribe themselves in the text more explicitly.

A tradução das figuras de linguagem: o desafio de Otelo

Cristina Rymer Woolf de Oliveira

Este trabalho tem por objetivo analisar o tratamento das figuras de linguagem encontradas na tragédia *Otelo*, de William Shakespeare, e em duas traduções para o português publicadas no Brasil na segunda metade do século 20. A pesquisa e análise do *corpus* foram orientadas por uma abordagem descritivista da tradução cujo foco reside na inserção do texto traduzido no contexto sócio-histórico e cultural da língua-meta. Após a identificação, análise e classificação das figuras de linguagem e dos jogos de palavras encontrados no texto-fonte e em cada uma das traduções, foi feito um estudo comparativo das soluções tradutórias.

Translating Figures of Speech: Othello as a Challenge

The purpose of this study is to analyze the figures of speech and wordplay found in William Shakespeare's tragedy *Othello* and in its two Brazilian Portuguese versions published in the second half of the 20th century. Both the research and the *corpus* analysis were informed by a descriptive approach, which focuses on the insertion of the translated text into the social, historical and cultural context of the target language. After identifying, analyzing and categorizing the figures of speech and wordplay found both in the source text and in each translated version, the proposed translations for each occurrence were compared.

Uma reflexão sobre o tratamento da linguagem obscena em traduções brasileiras de Hamlet

Neuza Lopes Ribeiro Vollet

A partir do estudo de duas abordagens diferentes à questão da linguagem da sexualidade em *Hamlet*, de William Shakespeare, em traduções brasileiras, pretendo argumentar que as diferenças de tratamento a essa questão dependem da adoção pelos tradutores de concepções diferentes sobre o autor. Adoto a concepção foucaultiana segundo a qual o nome do autor funciona como regulador dos significados atribuídos à sua obra e procuro mostrar que os significados do autor, suas condições de produção da obra e seus objetivos dramáticos não foram recuperados, mas interpretados de uma determinada perspectiva histórica, cultural e ideológica.

On the Treatment of Bawdy Language in Translations of Hamlet into Brazilian Portuguese

Having as a starting point two distinct approaches related to sexual language in *Hamlet* in Brazilian translations, I intend to argue that the differences in handling such issues depend on the translator's adopting different concepts about authorship. According to Foucault's concept, the name of the author regulates the meaning attributed to his work.

Thus the author's meanings, his conditions of work writing and dramatic objectives can not be recovered. They can only be interpreted from a specific historical, cultural and ideological perspective.

A lâmina da palavra: a linguagem do horror em Macbeth

Vivien Kogut Lessa de Sá

Este trabalho se detém sobre o potencial da linguagem shakespeariana como elemento essencial para a construção do *páthos* na própria encenação da peça. Para isso, foi usada a peça *Macbeth* pois seu texto, apesar de altamente conciso, apresenta uma densidade de violência responsável por criar a atmosfera de horror que permeia a história. Os personagens nomeiam a violência tanto quanto a perpetram; pela linguagem eles partilham dessa violência, seja nas palavras encantatórias das bruxas, seja na cumplicidade do casal de protagonistas. Analisamos, portanto, várias maneiras como essa violência se manifesta pela linguagem na peça, tais como o que chamamos de “linguagem de contágio”, “linguagem compartilhada” e “linguagem de iminência”.

On the Treatment of Bawdy Language in Translations of Hamlet into Brazilian Portuguese

This paper focuses on the power of the Shakespearean language as an essential element in creating the *páthos* for the performance itself. *Macbeth* was used as an example since the density of violence of its highly concise text creates the all-pervading atmosphere of horror. The characters name violence as much as they commit violent deeds; they share this violence through language, be it in the witches' spells or in the complicity shared by Macbeth and Lady Macbeth. We analyze, therefore, the various ways in which such violence is manifested through language in the play, such as what we chose to call “language of contamination”, “shared language” and “language of imminence”.

As primeiras estrelas shakespearianas nos céus do Brasil: João Caetano e o teatro nacional

José Roberto O'Shea

Iniciando com uma breve discussão sobre o estrelato na Itália e seus reflexos na Inglaterra, o presente ensaio identifica encenações da dramaturgia shakespeariana, com efeito, frequentemente, a partir de Jean-François Ducis no Rio de Janeiro oitocentista, com destaque para o célebre ator-empresário João Caetano dos Santos, figura que esteve no centro da atividade dramática brasileira, pelo menos, ao longo de três décadas (1835-1863), e, segundo consta, o primeiro “ator shakespeariano” brasileiro a atuar como Hamlet e Otelo, profissionalmente. Em última análise, o ensaio procura testar a hipótese de Caetano ter sido, também, o preceptor de um teatro verdadeiramente nacional.

Early Shakespearean Stars in Brazilian Skies: João Caetano and the National Theater

Starting with a brief discussion about stardom in Italy and its reflections on England, this article reviews performances of Shakespearean drama, which were often based on French translations by Jean-François Ducis, in nineteenth-century Rio de Janeiro. It places special focus on the famous actor-manager João Caetano dos Santos, a spearhead in the Brazilian theatre for at least three decades (1835-1863) and the first known Brazilian “Shakespearean actor” to play Hamlet and Othello professionally. Ultimately, this article attempts to test the hypothesis that Caetano was also the founder of a truly national theatre.